



FOLHA INFORMATIVA Nº05 - 2010

RECOLHA DE DADOS ETNOGRÁFICOS JUNTO DO RANCHO DE BENFICA DO RIBATEJO

A FUNDAÇÃO

O Rancho folclórico de Benfica do Ribatejo foi fundado em 1954. É esta a data até agora mais fidedigna encontrada para fundamentar a sua fundação. Há pessoas ainda vivas que consideram ser essa a data correcta.

Estiveram representados e dançaram na 1ª Feira do Ribatejo, organizada no mesmo ano de 1954.

A Quinta do Casalinho, situada perto da margem do rio Tejo, numa das entradas da vila de Benfica do Ribatejo, no concelho de Almeirim, foi o local de onde partiu a iniciativa, e isso também está fundamentado por testemunhas presenciais.



O Sr. Celestino Graça (na foto ao lado), regente daquela casa agrícola e uma figura de referência como impulsionador do folclore no Ribatejo, foi a pessoa que dinamizou a criação do Grupo. Há um registo de uma televisão alemã, produzido no início da década de 60, que retrata os Avieiros de Benfica a dançar. Esse registo foi gravado na Quinta do Casalinho, conhecida na altura como "a Quinta do Graça". Uma cópia da gravação está na posse do projecto dos Avieiros (foto à direita)

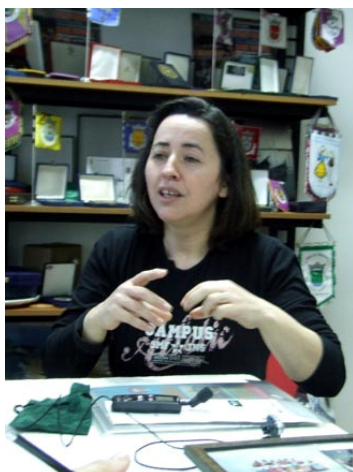
O contacto dele com a comunidade piscatória Avieira das aldeias das Faias e dos Cucos - que constituem os mais importantes assentamentos Avieiros de Benfica do Ribatejo - deveu-se à necessidade de angariar mão-de-obra para trabalhar no cânhamo, matéria-



prima essencial à época para a fabricação de tecidos e ainda hoje importante para a fabricação de papel e como forragem animal. Como era necessário demolhar o cânhamo no Tejo para o poder trabalhar, ele passou a precisar da mão-de-obra dos pescadores. Estes passaram a trabalhar o cânhamo, recebendo por isso algum tipo de gratificação, ainda não pesquisada por nós.

Muito embora não se saiba a data exacta em que os pescadores Avieiros da comunidade de Benfica do Ribatejo iniciaram esta actividade, acumulando com a sua ocupação piscatória tradicional, é seguro afirmar-se que terá tido início no princípio dos anos 50 do século vinte. As comunidades piscatórias envolvidas foram as das Faias, Cucos e Oliveirinhas - de Benfica do Ribatejo - e de Caneiras, do concelho de Santarém.

Foi essa actividade que aproximou a comunidade Avieira do Sr. Celestino Graça e que terá posteriormente influenciado a criação do Grupo de folclore de Benfica do Ribatejo.



De acordo com a opinião de Irene Sequeira, elemento preponderante do Grupo de Benfica do Ribatejo para a pesquisa etnográfica (na foto ao lado), os Avieiros organizavam bailaricos à beira do Tejo, aos quais assistia o Sr. Celestino Graça, sendo aí que se terá apercebido do potencial existente para constituir um Grupo folclórico. A mesma interlocutora confirmou, por ter ouvido testemunhas ainda vivas, que o Grupo de pescadores foi actuar para o Dr. Oliveira Salazar, enquanto Presidente do Conselho de Ministros. O Grupo chegou também a actuar na inauguração do Estádio da Luz, em Dezembro de 1954. Apesar destas certezas, registadas a partir de testemunhas ainda vivas, não foi possível determinar ainda como é que o Sr. Celestino Graça organizou e formalizou o Grupo dos pescadores Avieiros de Benfica do Ribatejo. Continuar-se-á o trabalho de pesquisa para tentar colmatar esta falta de informação, nomeadamente junto do Sr. Bertino Coelho, notável músico que à época acompanhou e/ou testemunhou a criação de Grupos folclóricos no Ribatejo.

O Grupo de Benfica atingiu grande notoriedade nessa época, sendo convidado para actuar em inúmeros palcos em todo o País. Está confirmado que passavam "semanas inteiras fora de casa", o que para as famílias Avieiras pode ter constituído um factor de alguma instabilidade, dado que a comunidade era bastante coesa a ciosa das suas tradições baseadas na família, sendo a ausência das raparigas razão para alguma instabilidade social e familiar.

O TRAJE



Quando o Grupo de Benfica fez as pesquisas sobre os trajes, partiu dos que já existiam no Grupo Avieiro dos *Pescadores do Tejo*, de Benfica do Ribatejo, e que está registado em fotografia daquela época, conforme com a que é apresentada ao lado.

O Rancho dos Campinos da Azinhaga do Ribatejo, nas duas filas de trás, e dos Pescadores do Tejo nas duas filas da frente. À frente, no canto inferior esquerdo da foto, está o fundador, Sr. Celestino Graça. O Sr. Souto Barreiros fundador do Rancho dos Campinos, situa-se-lhe imediatamente atrás.

O traje domingueiro era o mais vistoso, porque era usado para os dias festivos. A maioria das mulheres usava saias bem rodadas, de riscado, com riscas largas ou riscas finas, algumas aos quadrados. Normalmente as saias das mulheres eram na maioria *riscadas*. O tecido era chamado à época de "riscado". Os homens usavam ceroulas aos quadrados e camisas de flanela também aos quadrados.

Os responsáveis do actual Grupo de Benfica dirigiram-se às pessoas mais antigas e fizeram as primeiras recolhas de materiais, nomeadamente de trajes ainda existentes e guardados pelas suas proprietárias, assim como registos fotográficos da época. Também ouviram as opiniões dos Avieiros e Avieiras mais antigas. Comprovaram que as saias se usavam bem rodadas, o que permitiu reproduzir vários desses trajes que hoje fazem parte da etnografia do Grupo.



Comprovaram também que há saias mais compridas - as mais antigas, do início do século, e outras mais pelo meio da perna, a tapar a barriga da perna, dos anos 40 e 50 do século XX.

Quanto aos canos (foto ao lado), eram protecções para as pernas feitas de lã grossa, que tapavam toda a perna, desde o tornozelo até ao joelho, ficando este sempre de fora. Também aí foi feita pesquisa e foram reconstituídos os canos, produzidos com o mesmo tipo de lã grossa e com a mesma técnica que era utilizada pelas antigas mulheres Avieiras para tricotar a lã, ou seja, com

cinco agulhas de lã. Hoje em dia bem poucas pessoas o fazem, mas elas faziam-no com perícia, tudo à volta, para que o cano fosse uma única peça.



As saias de baixo eram de pano de lençol, ou pano-cru, e eram tecidos de algodão branco. Era o que havia naquela época. As rendas que aplicavam nas saias de baixo eram feitas pelas próprias pescadoras. As rendas eram de várias cores. Usavam duas ou três saias de baixo, ou saiotes. Os Avieiros davam um nome próprio a essas saias de baixo.

Os saiotes eram bastante rodados e tinham folhos. Antigamente, para resolver os contratempos regulares que a menstruação lhes provocava, as mulheres atavam o saiote entre as pernas, de forma a impedir que o líquido menstrual¹ se soltasse para as pernas.

As mulheres aproveitavam todo o tipo de tecidos de algodão para fazer os saiotes. Faziam-nos com tecidos brancos, às flores e às bolas, de vários padrões. Umhas mulheres usavam dois saiotes, outras usavam três, não havendo por isso uma regra como por exemplo existe na Nazaré, em que



as mulheres usam sempre sete saias de baixo ou saiotes. Quem tivesse uma melhor situação económica comprava e usava mais saias de baixo. As mulheres daquela época tinham uma cintura muito estreita. Tinham uma *cinturinha*. Usavam as saias de baixo mas não utilizavam elásticos para as prender. Usavam atilhos compridos e atavam-nos com força à volta da cintura para que ficasse mais estreita. Quem de entre elas tivesse a saia mais rodada e a cintura mais fina, era a que mais brilhava socialmente. Era sem dúvida um sinal não só para a comunidade, como particularmente para o sexo masculino. A que tivesse a silhueta "mais vassourinha", como diziam à época, era a que mais atenções atraía.

A saia que estava à vista, ou saia de cima, era mais

¹ Ainda segundo Madalena Braz Teixeira, op. cit., “parece importante frisar que só tardiamente foi hábito usar tecidos apropriados para estas situações mensais. Deste modo, os saiotes interiores de qualquer traje regional ou outro, deviam ter a capacidade de camuflar estas habituais e repetidas situações.”

comum ser de riscado largo, com bastante roda. Este tipo de saias eram usadas quer de semana, quer muitas vezes ao domingo, porque a saia de quadrados de lã da praia, mais vistosa, começou a aparecer só na década de 50. Antes desta década os tecidos eram pobres, de cores escuras, com riscas largas e com riscas finas.

Ainda em relação às saias, nos finais dos anos 40 e princípios dos anos 50, algumas pescadoras que tinham mais posses usavam uma saia vermelha, plissada, com favos de mel à volta da cintura, que elas próprias faziam. A saia era toda pregueada, ou plissada, com uma altura até à zona da canela. Eram por isso saias compridas. Foi a partir desse modelo de saias que mais tarde as pescadoras de Benfica começaram a fazer as saias aos quadrados. Porque as primeiras saias, ou seja as mais antigas, tinham as pregas todas plissadas e fininhas. As do Grupo só não têm os favos de mel.



O Grupo tem fotos do traje de uma pescadora que tem o lenço atado e maneira das Avieiras [é a mãe do Manuel Charana e chama-se Guilhermina Toita], com uma saia como foi atrás referida, lisa e toda plissada, com um avental bordado com cachos de uvas, e com um lenço de caixiné, atado no topo da cabeça de uma forma simples, com as pontas a formarem pequenas hastes. Temos noutra fotografia (ambas as fotos são a seguir apresentadas) a mesma pescadora com a roupa dia dia-a-dia, quando ela ia vender o peixe, com um cesto à cabeça, uma mantilha de malha para a proteger do frio, a saia de riscado, e um avental de riscado com umas tiras do mesmo tecido, ao comprido e com florinhas. O avental é recortado por baixo, com o recorte feito no próprio tecido. A linha com que faziam os bicos das saias de baixo, ou saiotas era, como ainda é, linha de perlé.



malha para a proteger do frio, a saia de riscado, e um avental de riscado com umas tiras do mesmo tecido, ao comprido e com florinhas. O avental é recortado por baixo, com o recorte feito no próprio tecido. A linha com que faziam os bicos das saias de baixo, ou saiotas era, como ainda é, linha de perlé.

Deu-se a coincidência de, na altura da fundação do Rancho, em 1954, terem começado a aparecer

e a ser vendidos os tecidos de lã da Nazaré, que as mulheres e as raparigas passaram a preferir.



Até aí, o traje incluía o lenço de caixiné (foto ao lado), como as mulheres camponesas também usavam, e punham-no tanto durante a semana como ao domingo. As mulheres Avieiras raramente mostravam os cabelos. O lenço andava praticamente sempre na cabeça, quando iam para o Tejo, quando iam vender, quando iam para casa ou para qualquer outro local. Esta era

aliás a tradição das mulheres camponesas da zona da charneca e também da lezíria. O lenço era atado atrás, junto à nuca, ou só com uma ponta atada e o lenço caído. Sobre o lenço colocavam o chapelinho, que raramente abandonavam. A forma de atar o lenço era diferente das Avieiras para



as camponesas. As Avieiras faziam duas tranças no cabelo e atavam-no atrás, ou então faziam um carrapito, que depois cobriam com o lenço. Uma forma de atar o lenço era a de cruzar as duas pontas atrás, na zona da nuca, e depois deixar as pontas soltas caídas sobre os ombros, ou ambas caídas para trás das costas. Sobre o lenço

assim atado colocavam então o chapelinho. No dia-a-dia podiam usar lenços amarelos e de caixiné. Uma das cores podia ser o preto. As mulheres de luto pelo falecimento do marido ou filhos usavam permanentemente o lenço preto. Outra forma de atar era a de cruzar as pontas na zona da nuca e depois atá-las no alto da cabeça, de tal forma que as pontas formavam pequenas hastes no cimo da cabeça e um dos bicos ficava caído para as costas, tal como as pescadoras os usavam.

Para tornar o cabelo mais fácil de pentear, tinham por uso untá-lo com azeite. A tradição de não mostrar o cabelo tem origem no pudor, e na assunção de um estatuto de submissão em relação ao homem, ainda hoje patente em zonas do interior de Portugal, assim como nos países do Norte de África e do Médio Oriente. No entanto, as mulheres Avieiras ainda hoje argumentam para justificar esse costume, que "o que guarda do frio, guarda do calor". Por razões de higiene, os cabelos eram lavados semanalmente. Quer as mulheres solteiras, quer as mulheres casadas usavam sempre o lenço, em quaisquer circunstâncias. Só as crianças não usavam lenço.

Pode constatar-se que os únicos ornamentos que as mulheres usavam na cabeça eram somente o lenço e o chapelinho de feltro.



Nas orelhas usavam brincos de ouro, argolas, e no pescoço usavam colares de ouro, no dia-a-dia, sempre, de noite e de dia. Não se separavam do seu ouro. Usavam-no, como ainda o usam, sempre desde pequeninas, a partir do nascimento ou quando começam a ter condições [físicas] para o usar. À medida que crescem e que começam a ser mais mulheres, aumentam o número de ornamentos de ouro. Eram pobres mas gostavam muito de ouro - argolas de ouro nas orelhas e cordão de ouro ao pescoço.

O senso comum apontou-nos até agora para a ideia de que a gente pobre não tinha possibilidades para comprar adornos de ouro. No entanto, na comunidade Avieira era muito importante ter ouro. Pesquisámos e informaram-nos que as Avieiras preferiam ter uns adornos de ouro a uns sapatos para calçar. Os brincos que usavam eram argolas de ouro, maciças e trabalhadas, algumas em forma de coração.

Irene Sequeira, nossa interlocutora, testemunha que a sua avó era do campo e toda a vida andou descalça, usava canos de lã, comprava meias de lã e cortava-lhes os pés para assim fazer os canos, andava descalça de verão e de inverno, e no entanto tinha dois cordões de ouro, enormes, dentro do cofre. Com estes testemunhos, e outros mais existem, o senso comum deixa de ter o contorno inicial, para passar a admitir-se que a pescadora Avieira tinha uma forma de poupança que a levava a adquirir e conservar peças de ouro, que eram ao mesmo tempo um sinal de estatuto e um entesouramento guardado como garantia para dias eventualmente mais difíceis. Mesmo a mulher mais pobre podia não ostentar, mas sempre tinha escondido em algum lugar uma peça de ouro, último refúgio para a sua segurança e dos seus.²

No tronco, a pescadora usava uma camisa comprida, que era apanhada na cintura. A camisa tinha um colete interior, com costas. O colete era pregado à camisa, de tal forma que sustentava os seios da mulher. Usavam também um corpete.

A parte de trás das blusas tem nervuras na vertical e são todas iguais. As blusas são todas abertas

² Segundo Madalena Braz Teixeira [In: o traje regional Português e o folclore, p. 378], o valor fiduciário dos ouros era facilmente transaccionável, o que equivalia a ser uma poupança utilizável em momentos mais difíceis. Os ouros podiam ser vendidos e comprados sempre que necessário. Convinha ter bastantes para valer em situações financeiramente mais complexas.

à frente, têm uma pequena gola ou podem não a ter, normalmente têm um corte que vai de uma cova do braço à outra, uma podem ter *favinhos* de mel, outras podem ter só uma nervura de alto



a baixo - e estes eram os feitios que as Avieiras inventavam. As mangas eram talhadas a três quartos do braço, pelo que nunca chegavam ao pulso. Na extremidade das mangas eram aplicadas punhos de renda. As pescadoras Avieiras nunca aplicaram rendas folhadas e longas como as

pescadoras da Nazaré. Era sempre aplicada uma renda estreita, de dois ou três centímetros. Nalguns casos não aplicavam renda na ponta das mangas - faziam uma dobra na ponta das mangas e era aí que aplicavam a renda. Como todas as pescadoras sabiam costurar, cada qual fazia à maneira do seu gosto.

Cada uma procurava que o seu traje fosse o mais bonito de todos, com o feitio e a renda mais vistosa. A renda era de algodão, era comprada e era aplicada pela mulher Avieira. Quem tinha mais posses comprava as rendas mais bonitas. As blusas tinham uma aba justinha ao corpo e era sempre posta para dentro da saia, nunca para fora. As pregas da blusa eram aplicadas nas costas e só até à cintura, adaptadas ao jeito do corpo, sem mais adornos. A blusa moldava-se ao corpo desde o pescoço e os ombros até à cintura e era colocada dentro da saia - não ficando abas de fora. Não são como as que usam as mulheres do campo, com rabos de bacalhau, com mais ou menos curvatura. As blusas Avieiras são mais simples do que as das campinas.

Estes tipos de traje eram os mais comuns até ao início dos anos 50 do século vinte. A partir de meados dos anos 50 o traje alterou-se devido certamente à constituição do Rancho organizado pelo Sr. Celestino Graça.

NOTA: As fotos antigas a preto e branco pertencem todas ao Rancho de Benfica do Ribatejo. Bastante agradecemos à sua Direcção terem-nas cedido para a elaboração desta Folha Informativa sobre a temática da etnografia Avieira.

ANEXO 1 – FOTO DE FAMÍLIA



Como é de tradição, registamos em foto os elementos que proporcionaram a realização da pesquisa sobre a etnografia do Grupo de Benfica do Ribatejo, num trabalho que está em curso. Todos colaboram com trabalho generoso e colaboração voluntariosa. Registamos os seus nomes, da esquerda para a direita.

Sentados: Irene Sequeira e Susana Costa (do Grupo de Benfica), Fernando Pelarigo e Manuel Menino.

De pé: Ricardo Casebre (presidente da direcção do Grupo de Benfica), Humberto Nelson Ferrão e José Gaspar.

Local: sede da Associação Cultural e Desportiva de Benfica do Ribatejo.